

# EXPERIÊNCIAS COM CINEMA E EDUCAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS AUDIOVISUAIS PARTICIPATIVAS

Maria Beatriz Colucci<sup>1</sup> & Moema Costa Nascimento<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho discute os processos participativos na construção das narrativas audiovisuais produzidas por estudantes da rede pública do estado de Sergipe, Brasil, durante os anos de 2016 e 2017, no projeto de extensão “Fotografia, vídeo e identidade social”. Para tal, problematiza as experiências coletivas de criação audiovisual, recorrendo às reflexões de Alain Bergala (2008), Daniel Meirinho (2016), dentre outros. A análise das imagens e narrativas indica que o desenvolvimento do projeto possibilitou aos participantes aprofundarem a reflexão sobre suas identidades, relações sociais e afetivas e seus lugares de pertencimento, o que evidencia a importância da experiência estética e criativa com as imagens no contexto da educação contemporânea.

**Palavras-chave:** Fotografia; Cinema; Processos Participativos; Narrativas Audiovisuais; Educação de Jovens e Adolescentes.

**Contacto:** biacolucci@gmail.com, poemapictures@gmail.com

## Introdução

Este artigo investiga as relações entre o audiovisual e a educação, discutindo os métodos colaborativos nas experiências de produção de imagens com jovens e adolescentes. Como objeto de análise escolhemos as narrativas audiovisuais produzidas no projeto de extensão “Fotografia, vídeo e identidade social”, realizado em 2016 e 2017 junto a estudantes do 9º ano do ensino fundamental e do 1º ano do ensino médio da Escola Estadual Armindo Guaraná, no bairro Jardim Rosa Elze, em São Cristóvão, Sergipe (BR). Tal projeto, vinculado ao Laboratório de Pesquisa e Produção Audiovisual (Lappa), do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Sergipe (UFS), orientou, por meio de minicursos e oficinas, produções fotográficas e videográficas sobre o cotidiano e a vivência dos participantes. As atividades de criação audiovisual foram realizadas nos laboratórios do Departamento

---

<sup>1</sup> Docente do Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Sergipe e coordenadora do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cinema e Narrativas Sociais; doutora e mestre em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas (SP), graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (MG).

<sup>2</sup> Mestranda em Estudios Internacionales de Paz, Conflictos y Desarrollo pela Universitat Jaume I/Espanha, pós-graduada em Desenvolvimento Pessoal e Resolução de Conflitos, graduada em Comunicação Social/ Rádio e TV pela Universidade Federal de Sergipe (SE).

de Comunicação Social/UFS, nas dependências da escola, e em práticas externas no bairro e no centro histórico de São Cristóvão. Os exercícios de criação cinematográfica, realizados de janeiro a abril de 2017, contaram com a parceria do projeto “Nordeste de Invenção: interlúdios de cinema, educação e direitos humanos”.<sup>3</sup>

Levando em conta as potencialidades da criação audiovisual, especialmente se consideradas as possibilidades de reflexão e criação dentro de ambientes escolares, e o caráter interdisciplinar da fotografia e do cinema, buscamos analisar as imagens resultantes da experiência, relacionando-as aos processos participativos que possibilitaram sua construção. Para isso dialogamos, dentre outras, com as reflexões propostas por Alain Bergala (2008), sobre as experiências com audiovisual na educação, e por Daniel Meirinho (2016), sobre as identidades juvenis e a fotografia participativa. Para análise das imagens e avaliação qualitativa do projeto, levamos em conta os depoimentos dos participantes, por meio de entrevistas individuais e de grupo focal, técnica aplicada ao final das atividades que tomou como referência os estudos de D. Morgan (1997), a partir da discussão de Marques e Rocha (2006). Também foram consideradas as reflexões de Sylvia Novaes (2012) e o relatório final do projeto de iniciação científica que analisou, em 2017, a experiência realizada (Colucci *et al.* 2017).

### **Educação audiovisual: autorrepresentações e construções participativas**

Nosso objeto de estudo reflete um contexto de experiências significativas de criação audiovisual junto a escolas e movimentos sociais brasileiros, desde o início do século XXI, considerando o maior acesso aos equipamentos digitais e as facilidades de gravação de imagens. Isso contribuiu para que os indivíduos, no mundo contemporâneo, se tornassem sujeitos de suas histórias, ou espectadores e produtores de suas próprias mensagens. O conceito de autorrepresentação surge, então, como uma forma legítima de representar uma auto-imagem de si mesmo e do mundo. Ao problematizar as autorrepresentações ressaltamos também as identidades culturais e o fato de não podermos mais falar de uma identidade única e coerente, mas de identidades híbridas e até contraditórias, como observaram Colucci e Anjos (2014, 135) com base nos conceitos de Stuart Hall (2004). Concordamos que as narrativas construídas em redes de

---

<sup>3</sup> Este projeto participou de edital nacional e obteve apoio de um projeto nacional, o “Inventar com a Diferença” (2017), iniciativa da Universidade Federal Fluminense (UFF) que apoiou projetos de oficinas de produção de vídeo, fotografia e som em torno da temática do cinema e dos Direitos Humanos. Em Sergipe, o “Nordeste de Invenção” atuou em três escolas públicas da periferia e do interior do Estado.

apoio, nas associações civis, em escolas de audiovisual e demais instituições de ensino, “permitem interpretar, avaliar e criar experiências reflexivas críticas a partir da relação entre os diferentes saberes” (Colucci e Anjos 2014, 137).

Para Lins e Mesquita, esses processos de construção da comunidade sobre sua realidade se configuram como experiências singulares, pois possibilitam apresentar novas representações dos indivíduos de um modo geral “apartados (por sua situação social) dos meios de produção e difusão de imagens” (2008, 38). Nessa construção, destaca-se a importância de compartilhar as representações, de criar discursos coletivos, em que identidades e experiências sejam mediadas, narradas e construídas em “espirais de representação e intertextualidade” (Shohat e Stam 2006, 451).

Os processos de criação artística (fotográfica e cinematográfica) podem ser vistos também como processos de educação audiovisual, em sentido amplo. Este argumento, tomado do campo interdisciplinar do cinema e da educação, contribui para a reflexão proposta por este artigo, que analisa uma experiência em que mais que o resultado, importam as vivências do processo de construção da narrativa, consideradas autorrepresentadas por terem sido criadas por jovens e adolescentes de um mesmo grupo social.

Para abordar as reflexões de Daniel Meirinho (2016) sobre as identidades juvenis e os trabalhos de construção participativa de imagens, partimos de Blackman e Fairey (2007) que definem a fotografia participativa como uma técnica fotográfica onde as câmaras são confiadas a pessoas da comunidade de forma que possam agir como documentaristas, além de potenciais catalisadores de ação social e mudança.

“O método usa do imediatismo da imagem visual e das histórias que a acompanham para fornecer e promover um meio eficaz de compartilhamento participativo e de conhecimentos para criar políticas públicas saudáveis” (Blackman e Fairey *apud* Meirinho 2016, 15).

Nesse sentido, o modo como nos apropriamos das imagens pode redefinir os modos de ver e de ser visto, bem como o modo de compreendermos os *media*, ou mesmo de reinventá-los.

Uma outra questão proposta por Meirinho (2016) e que diz respeito especificamente ao grupo de jovens e adolescentes, que constituiu o público-alvo

desse projeto de extensão. A construção participativa e coletiva de imagens tem um sentido especial para este grupo, pois, como explica o autor:

“Na juventude, os indivíduos valorizam e moldam os seus sentimentos através de relações intrapessoais e interpessoais, no confronto com outros ‘iguais’ e na formação dos seus grupos. A necessidade de dividir suas angústias e padronizar suas atitudes e ideias faz do grupo um espaço privilegiado, pois nele se pode encontrar uma uniformidade de comportamentos, pensamentos e hábitos” (Meirinho 2016, 63-64).

Para discussão sobre o papel pedagógico e transformador da criação audiovisual buscamos as reflexões propostas por Alain Bergala (2008). Podemos pensar então a produção audiovisual como a marca final de um processo criativo, conforme observa Bergala, lembrando as dificuldades do ponto de vista pedagógico:

“Pensar o filme como a marca de um gesto de criação. Não como um objeto de leitura, descodificável, mas, cada plano, como a pincelada do pintor pela qual se pode compreender um pouco seu processo de criação.” (2008, 33-34)

### **Sobre o objeto de estudo: contextos e processos**

Para análise das narrativas audiovisuais produzidas pelo projeto de extensão “Fotografia, vídeo e identidade social tomamos o conceito de autorrepresentação de forma ampla, considerando que toda a produção resultante do projeto foi vista como possibilidade de exercitarem representações de si. Isso porque as imagens dizem respeito ao próprio grupo de participantes que possuem estreitos laços de identidade, seja pelos vínculos escolares, por morarem no mesmo bairro e possuírem idade próxima, entre 16 e 17 anos.

Também consideramos os dados resultantes da aplicação da técnica do grupo focal, como mencionado anteriormente, realizada com parte dos participantes ao término das atividades do projeto. O grupo focal, no sentido definido por Marques e Rocha, constitui atividade política cotidiana de “construção coletiva dos significados e

sentidos sociais que regem as relações entre sujeitos que, reflexivamente, trocam pontos de vista de modo a buscar entender o outro, a própria condição e seu lugar no mundo” (Marques e Rocha 2006, 40).

Faremos inicialmente um breve descritivo das atividades do projeto, com base no relatório final do projeto de iniciação científica realizado com estudantes de graduação em Cinema e Audiovisual/UFS e que refletiu sobre essa experiência de extensão. O projeto foi iniciado em janeiro de 2016, quando foram feitos os primeiros contatos, sendo que as aulas aconteceram semanalmente no contraturno escolar. Em dezembro de 2016, as imagens foram editadas, com a contribuição dos participantes, e apresentadas aos mesmos. Em janeiro de 2017, as imagens foram reunidas, impressas e expostas na escola, nas atividades de final de semestre, com a participação das famílias, quando os certificados do projeto foram entregues. De janeiro a abril de 2017, foram realizados os exercícios de criação cinematográfica, em parceria com o projeto ‘Nordeste de Invenção’. Ao final das atividades, foi realizada uma avaliação por meio de grupo focal que se configurou como uma entrevista coletiva, precedida por uma projeção das imagens e narrativas construídas durante o curso. O objetivo foi discutir os sentidos da experiência, além de gerar informações pertinentes para ajudar a pensar projetos futuros (Colucci *et al.* 2017, 03).

Assim, o projeto de extensão apoiou-se, sobretudo, na realização de aulas teóricas e oficinas práticas direcionadas à história da fotografia e aos elementos básicos da linguagem e da técnica fotográfica, além de técnicas específicas de edição. Os participantes tiveram, além das aulas específicas sobre a fotografia e o vídeo, discussões sobre outros temas, como gênero, cidadania e midiativismo. As atividades também envolveram a realização de dinâmicas de integração, como vivências teatrais, que contribuíram para que os alunos estabelecessem relações de confiança. Também tiveram destaque as oficinas e aulas práticas realizadas na escola, para cobertura de projetos de artes, além das práticas de fotografia *pinhole* e digital, estas feitas no bairro Rosa Elze e no centro histórico de São Cristóvão. A partir do conhecimento técnico do material fotográfico e das discussões propostas sobre a imagem,

“foram criadas condições básicas para que os participantes pudessem buscar formas de se expressar por meio de narrativas visuais, refletindo sobre como enxergam a si mesmos, o seu grupo social e a comunidade em que vivem” (Colucci *et al.* 2017, 03).

### **Sobre as narrativas audiovisuais construídas<sup>4</sup>**

Na análise das construções narrativas produzidas pelo grupo identificamos, inicialmente, um número expressivo de imagens em que a câmera aparece no enquadramento, o que demonstrou a importância que davam ao domínio técnico do equipamento, um conhecimento considerado inacessível até então para o grupo (Colucci et al. 2017, 07). Assim, a apropriação dos conceitos técnicos e estéticos da fotografia trouxe certo empoderamento ao grupo, o que se evidenciou nas imagens em que aparecem fotografando ou carregando a câmera fotográfica (Imagem 1).



Imagem 1 – Presença da câmera, pose e identidade

---

<sup>4</sup> As imagens e os depoimentos analisados pertencem ao acervo pessoal das autoras deste trabalho e ao grupo de pesquisa LAPP/UFES, sendo de autoria de professoras, monitores e participantes do projeto de extensão em estudo. Os depoimentos foram transcritos pelas autoras, também coordenadoras do projeto, tendo como material as gravações do grupo focal e entrevistas individuais.

De um modo geral, todas as imagens e narrativas analisadas evidenciaram que os alunos participantes assimilaram os princípios básicos da linguagem fotográfica, em imagens que destacaram elementos tais como enquadramento, molduras, contraluz, ângulos, primeiros planos e detalhes, etc. Podemos destacar isso através de um dos depoimentos:

“Quando você aprende a olhar a foto e o lugar de outra forma muda tudo. Agora eu olho o local que vai ficar, o ângulo, qual vai ser o sentido daquela foto. Não vai ser foto aleatória como a gente tirava. Vai ter um sentido, vai ter um propósito, vai ter uma reflexão” (Depoimento oral 2017).



Imagem 2 – Utopia e fusão de identidades (*motion blur*)

Para dialogar com a ideia de fotografia participativa e a construção de narrativas audiovisuais, destacamos as imagens produzidas conjuntamente pelo grupo no estúdio fotográfico, por meio de técnicas como o *light painting*<sup>5</sup> e o *motion blur*<sup>6</sup>. A partir do

<sup>5</sup> Técnica fotográfica que literalmente significa ‘pintando com a luz’ e é feita a partir de fontes luminosas em movimento, associadas à longa exposição à luz (baixas velocidades do obturador).

<sup>6</sup> Técnica fotográfica que significa ‘movimento borrado’ e consiste em fotografar com baixa velocidade do obturador e objeto em movimento.

tema Utopia<sup>7</sup>, cada grupo buscou expressar em imagens um sonho ou desejo a ser produzido pelo grupo. A análise dessas imagens reforçou os sentidos de construção coletiva e manifestou a identidade do grupo. A imagem relacionada (Imagem 2, Utopia) foi feita com a técnica *motion blur* e mostra vários rostos em movimento, estando aberta a diferentes sentidos. Se sobressai a integração existente entre o grupo, que fica evidenciada na mistura das identidades que se fundem e não tem contornos definidos, o que também reforça, como abordou Meirinho (2016), o fato de as identidades juvenis buscarem no grupo a afirmação de suas individualidades.

Essas representações visuais participativas podem ter suas variáveis positivas, como observou Meirinho ao afirmar que a fotografia participativa possibilita que os adolescentes representem visualmente seus interesses e suas angústias diante de uma complicada fase de desenvolvimento identitário, “sendo a adolescência uma etapa da vida merecedora de interpretações mais pormenorizadas e que valorizem instrumentos linguísticos mais criativos e colaborativos” (Meirinho 2016, 315).



Imagem 3 – Anjos e demônios (*light painting*)

<sup>7</sup> Fotografias e vídeos resultantes do projeto de extensão fizeram parte da exposição do evento ‘Incomunicações’, edição 2016, evento anual que reúne a mostra dos produtos audiovisuais produzidos nos cursos do DCOS.

As narrativas produzidas com a técnica do *light painting* também podem ser assim interpretadas. As fotografias produzidas com crianças menores, irmãos e parentes que participaram das sessões no estúdio, mostraram identidade de super-heróis e anjos. Como contraponto, temos a imagem selecionada (Imagem 3), que traz a representação de uma das adolescentes participantes como diabinho com uma auréola de anjo, o que indica que as identidades juvenis ainda mantêm relação com a infância. O fogo nas mãos também pode ser visto como elemento de protagonismo e empoderamento feminino.

Num sentido complementar, podemos analisar as imagens de poses e encenações presentes em muitas imagens do projeto em estudo. A pose atua como um reforço para construção de identidades e imagens positivas de si e do grupo e, por isso, podem ser vistas como documentais, pois, conforme Novaes (2012), sinalizam a construção de uma imagem que o fotografado quer exibir de si. A pesquisadora afirma que a pose e as encenações não diminuem o realismo da cena ou das pessoas fotografadas:

“Poses, uma roupa especial, arranjos de cabelo são índices importantes de como as pessoas querem que sua imagem seja vista pelos outros. Correspondem a uma construção de autoimagem que deveria ser de interesse ao pesquisador. Todo mundo quer ‘sair bem no filme!’” (Novaes 2012, 23).

Tal aspecto é evidenciado no depoimento de um dos participantes:

“A comunidade aqui sempre foi muito marginalizada, então a gente começou a olhar ela com outros olhos, até porque nós estamos inseridos nessa comunidade. Nós podemos registrar o lado bonito da comunidade, o lado que às vezes não é apresentado para quem tá dentro da faculdade ou quem é fora daqui da região. Mostrar que as pessoas são solidárias, mostrar que a comunidade pode agregar alguma coisa à sociedade ou à faculdade e que pode ter esse entrosamento entre as duas” (Depoimento oral 2017).

Ao analisar as experiências feitas a partir dos ‘dispositivos’ dos “Cadernos do Inventar”, vimos que os aspectos analisados em relação à imagem fotográfica se

aproximam dos resultados obtidos nas experiências de criação cinematográfica. No exemplo aqui analisado, referente ao dispositivo Minuto Lumière (Imagem 4), destacamos, além dos princípios de composição, a pose que os alunos fizeram na Biblioteca Central da UFS, entre estantes de livros que aparecem como um labirinto, em que eles se escondem e surgem em movimentos alternados do fundo para a frente do quadro, numa performance para a câmera que termina com o olhar enquadrando a câmera e o espectador, evidenciando aí a narrativa construída por eles.



Imagem 4 – Performance (Minuto Lumière)

Outro exemplo de criação audiovisual coletiva foi a realização do dispositivo denominado Filme-Haikai, em que os participantes, divididos em grupo, construíram narrativas visuais a partir de um poema haikai<sup>8</sup> criado por eles. Na análise das narrativas e transcrição das entrevistas foram observados ainda temas recorrentes, como: reconhecimento da relevância da interdisciplinaridade do projeto; reconhecimento de uma melhoria na comunicação a nível interpessoal; ampliação do círculo social; consciência sobre o papel dos meios de comunicação na formação da opinião pública; reeducação do olhar sobre o mundo; aproximação em relação ao mundo universitário como incentivo e inspiração para seguir os estudos; necessidade de atuar politicamente pela igualdade de gênero e necessidade de ampliação do

---

<sup>8</sup> Tipo de poema japonês (hai = brincadeira, gracejo; e kai = harmonia, realização).

programa de ensino de artes na escola, além da demanda de continuidade das experiências similares.

### **Considerações finais**

Conforme discutimos, vivemos hoje um momento em que, considerando as facilidades do mundo digital, as comunidades e os cidadãos se apropriaram do fazer audiovisual, dominaram este fazer e questionaram representações sociais antes mais visíveis e dominantes. Com essa apropriação dos recursos tecnológicos, muitos puderam confrontar representações estereotipadas e determinar como pretendiam ser vistos. Nesse sentido, consideramos que o projeto analisado se inseriu no âmbito das experiências coletivas de criação audiovisual que entendem todo o processo de produção como possibilidade de construção compartilhada.

A reflexão da experiência permitiu relacionar os estudos teóricos à análise de narrativas visuais elaboradas de forma participativa. Dentre os impactos gerados por este trabalho destaca-se a produção de conhecimento sobre o campo da educação audiovisual e as alternativas para produções compartilhadas, envolvendo coletivos, comunidades e redes colaborativas.

Acreditamos na relevância dessa investigação porque ancorada na análise do processo de criação, suscitando um saber não apenas acessível pela análise dos resultados, mas pelo percurso da própria experiência e do discurso imagético e da fala produzida pelos participantes. Dessa forma, por ser uma experiência pedagógica, pressupõe que o resultado deve ser visto e apreciado coletivamente: o processo criativo com um rastro de aprendizagem e não como ênfase ao produto acabado.

### **BIBLIOGRAFIA**

- Bergala, A. 2008. *A Hipótese-Cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola*. Rio de Janeiro: Booklink - CINEAD-LISE-FE/UFRJ.
- Colucci, M. B., e Anjos, A. A. C. dos. 2014. *Luto como Mãe e as Políticas de Autorrepresentação no Documentário Brasileiro*. Quebrada? cinema, vídeo e movimentos sociais, vol. 6, 125-145.
- Colucci, M. B., Souza, K. de A., e Souza, A. C. R. de. 2017. *Narrativas de Autorrepresentação como Espaços de Educação Audiovisual e Visibilidade Social*. In *Relatório Final de Projeto de Pesquisa*. PIBIC UFS/FAPITEC-SE.
- Lins, C., e Mesquita, C. 2008. *Filmar o Real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Marques, C. S. M., e Rocha S. M. (2006). *A Produção de Sentidos no Contexto de Recepção: em foco o grupo focal*. Fronteiras. Ano 1 vol. VIII, p. 38-53.

- Meirinho, D. 2016. *Olhares em Foco: fotografia participativa e empoderamento juvenil*. Covilhã: LabCom.IFP.
- Novaes, S. C. 2012. *A Construção de Imagens nas Pesquisas de Campo em Antropologia*. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/viewFile/36791/23802>.
- Shohat, E. e Stam, R. 2006. *Crítica da Imagem Eurocêntrica*. São Paulo: Cosac Naify.